

Entrevista da Semana Aparecido Inácio da Silva - 'Nunca presenciei demissão da forma como foi feita'

ENTREVISTA DA SEMANA

Cidão comemora a volta dos demitidos à GM e refuta risco de a empresa deixar o País

No comando do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano desde 1988, Aparecido Inácio da Silva detalha os bastidores da negociação entre a entidade e GM para a recontração dos 300 trabalhadores demitidos. Ele diz que derrota na Justiça não é motivo para a montadora sair do Brasil. **Política 4**

entrevista da semana

Aparecido Inácio da Silva, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano.



Nome: Aparecido Inácio da Silva
Estado civil: Casado
Idade: 73 anos
Local de nascimento: Santo Anastácio-SP e mora em São Caetano
Formação: Oitavo Ano
Lugar que recomenda: O Parque da Marinha, de Romulo Borges Rodrigues
Profissão: Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano
Onde trabalha: Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano

‘Nunca presenciei demissão da forma como foi feita’

ARTUR RODRIGUES
arturrodrigues@gigante.com.br

Personagem conhecido no movimento sindical, Aparecido Inácio da Silva, o Cidão, teve papel fundamental na reviravolta das demissões feitas pela

GM (General Motors) entre o fim de outubro e o início de novembro. Após funcionários serem demitidos por telegrama, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano convocou greve, que durou 16 dias, e levou a questão à Justiça do Trabalho, que impôs derrota à empresa. Em entrevista dada ao Diário, ele contou detalhes das negociações para cancelar as demissões, além de falar sobre os planos para as eleições do ano que vem (já foi vereador em São Caetano).



“O país concede benefícios às empresas, mas tem que ter a contrapartida da garantia do emprego.”

Antes das demissões, porque eu já apresentei alguma coisa futura, porque, como o pessoal recebeu o PDV (Programa de Demissão Voluntária), eu não podia dar muita notoriedade e nem fazer muita divulgação da rejeição. Mas eu já estava apresentando e provamos que não houve rejeição. Houve, naquela oportunidade do PDV, uma discussão, mas se encerrou ali. Mais de um mês depois não teve nem contato para retomar as negociações. Por que a empresa não procurou o sindicato? Simplesmente mandou telegrama para os funcionários comunicando da demissão.

Há quanto tempo o senhor está no sindicato? Ah, nem perguntem na presidência, desde 1988, de forma contínua.

E nesse período todo, você foi a maior vitória que vocês tiveram? Foi fazer outras vitórias importantes. Por exemplo, aquela manutenção da GM foi fundamental. Aquela acordo que fizemos em 2017 para trazer investimento

para a planta (de São Caetano) foi importante. Agora, no que diz respeito à ação da empresa e reação do sindicato, dilui que foi a maior vitória. Porque nunca presenciei demissão da forma que foi feita, por telegrama, e também nunca presenciei o cancelamento de demissões. E com uma sequência de derrotas, porque a empresa não deu nada. Ela tentou, de todos os meios, cessar a luta e não obteve sucesso.

E acha que toda essa reviravolta pode desestimular outras empresas a fazer o que a GM fez?

Como que a gente pode preservar? Eu acho que eles podem se precaver de não tomar atitudes como essa. Porque, se ela negocia, se ela conversa, se ela dialoga, a coisa caminha e flui com mais naturalidade. É difícil a gente falar com segurança, porque as empresas sempre têm as formas, as técnicas de agir. E se a gente começar também a falar de que forma que eles vão fazer, pode estar alimentando algumas coisas. Eu diria que as empresas têm que ter mais sensatez nas suas atitudes, porque o trabalhador tem que ser tratado com respeito, tem que ser tratado com dignidade. Não é um objeto para ser descartado assim, de qualquer forma. Ele está trabalhando, o chefe, o supervisor, o responsável dele por ele chega e lá está 'tchau' dele. Então, por conta disso, disse o senhor, não sei, mas para mandar um telegrama para a casa do trabalhador, para ele ler a demissão junto com seus familiares? Tem que existir esse entendimento. Por exemplo, o que a Ford fez? Anunciou fechamento. E o caminho? Não sei. Só o capital, eu digo o seguinte. Capital não é pátria. Ele vai continuar aqui se tiver lucro e não por causa do Cidão. É dar lucro, não é por gostar de dar emprego. Não, como sindicato, temos que entender essa questão também. Quanto nós podemos ser contra o capital? Não podemos. Temos que conviver com ele, precisamos dele. E a partir disso, nós vemos a melhor forma

possível para trabalharmos.

Qual é o papel do poder público para impedir essas demissões em massa?

Eu sou contra essa questão de incentivo fiscal, por exemplo, e a abertura de crédito. Porque a partir do momento que você vai ceder esses benefícios, tem que ter a contrapartida da garantia do emprego. Porque o que já foi dado de benefício, de subsídio para essas empresas... É a contrapartida da obrigatoriedade da manutenção dos empregos, não tem. Então, quando nós firmamos, em 2017, a viabilidade de a empresa continuar aqui, um dos requisitos principais que colocamos foi a manutenção do nível do emprego. Mas quem vai cobrar isso, além do sindicato? Você dir de novo o exemplo da Ford. O último acordo da Ford ninguém tinha conhecimento. Estava num cofre. Muitas vezes eu falei nas assembleias que ninguém sabia o acordo, de tão perseguido que era. Em benefício de quem? Da montadora. E o que aconteceu? Ela foi embora. O que fizeram com a



“Capital não tem coração e não tem pátria. Ele vai continuar aqui se tiver lucro e não por gostar do Cidão.”

Ford? Deram tudo, terreno, terraplanagem, muita coisa. E o que aconteceu? Fez, foi embora. Lucrou, lucrou, lucrou e no fim das contas foi embora. Então, quando falamos de poder público é esse tipo de coisa que temos que falar. Tudo bem o governo conceder incentivos às empresas, mas desde que tenha o compromisso e a obrigatoriedade de manutenção dos empregos. Eu vou te dar tanto, mas quanto tantos empregos? É assim que tem que ser, proporcional.

Então você acha que é função do poder público garantir esses empregos?

Aqui nós ainda somos um País que tem os maiores impostos do mundo. Então devia ter uma regra. Mas não para as montadoras, e sim para o consumidor. O consumidor que é a válvula. Da isenção de imposto para o consumidor para ver se a economia não melhora com as pessoas consumindo mais. Você vai dar isenção para a montadora e qual é a obrigatoriedade de reduzir o preço do carro? Não tem. A economia vai ganhar muito mais se o imposto for reduzido para o consumidor, é ele que tem que ser beneficiado. Porque o cara consome, compra mais carro, gera indústria, gera trabalho, gera emprego. É uma consequência.

Mudando um pouco de assunto, pensa em ser candidato na eleição do ano que vem?

Estou pensando ainda, vamos ver como vai ficar. Porque estou querendo trabalhar para que o meu filho escute comigo, não só para política, mas para tudo. Mas não vou falar disso agora, porque sinto atrapalha todo o planejamento.

A gente conhece o Cidão sindicalista, mas quem é a pessoa Cidão? Como o senhor chegou em São Caetano? Eu nasci em Santo Anastácio (Oeste paulista). Mas meu pai vendeu o sítio de lá e foi para Flórida Paulista. E teve um ano que ele plantou bastante amêndoas, mas bastante mesmo, naquele ano ele ia tirar o pé da jaca. Mas acabou perdendo tudo com o chuvia, não deu para colher e ficou endividado. Então, ele teve que vender o sítio em Flórida Paulista e

nos mudamos para São Paulo. Mas nesse período ele apostou em mim. Dizia que eu tinha que estudar, às vezes abdicava do meu serviço na roça para que eu pudesse estudar. Ele veio para São Paulo e eu fiquei em Flórida para terminar o segundo ano do ginásio. Quando eu terminei, ele foi me buscar, morávamos no Parque São Rafael, na Capital. Eu comecei a trabalhar numa obra e servir no Exército, isso enquanto terminava o ginásio aqui em São Paulo. Até que o diretor do ginásio, o Exército, que era diretor de RH (recursos humanos) da GM, falou que, por eu ser um dos melhores alunos, ia me arrumar uma vaga na GM. Ai eu entrei na GM em setembro de 1971 e sou funcionário até agora. Entrei como ajudante de produção. Seis meses depois, comecei a fazer escola técnica em química no Pontal, em Santo André. Mas ainda não ginásio eu tinha aula de legislação trabalhista e eu lembrava das aulas e comecei a observar que tinha muita coisa errada. O funcionário chegava dez minutos atrasado e a empresa descontava um dia inteiro, coisas assim. Ai eu comecei a defender os trabalhadores e comecei a gostar. Em 1983, teve a greve dos petroleiros e eu fui líder. Foi no início da GM, era bala de borracha para todo lado. Naquela época, a Avenida Goiás era pesquisada não única. A polícia fechou a avenida e desceu a madeira em todo mundo. Mas eu fui gostando dessas lutas. Em 1984, fui chamado para entrar no sindicato, mas eu falei que só iria para a diretoria executiva, porque eu queria ir para a ação. Oito meses depois eu já era secretário geral do sindicato e, no mandato seguinte, já fui eleito para presidente.

Isso antes das demissões?

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Diário do Grande ABC

Seção: Política **Página:** 4